

A noção default e a sintaxe da negação

The default notion and the syntax of negation

Hely Dutra Cabral da FONSECA*

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE FEIRA DE SANTANA (BRASIL)

RESUMO

A idéia de uma gramática *default* nos estágios iniciais da aquisição da linguagem tem sido defendida por vários lingüistas. Hyams (1983) foi quem primeiro observou que a criança demonstra ter o parâmetro do sujeito nulo, mudando-o mais tarde para o padrão não *pro-drop*, no caso da língua inglesa. O principal objetivo do presente estudo, com base nos dados examinados, é o de divulgar a existência de um parâmetro em *default* para a negação no Português Brasileiro (PB).

PALAVRAS-CHAVE

Teoria gerativa. Princípios e Parâmetros. Gramática. default.

ABSTRACT

The idea of a default grammar in early stages of language acquisition has been put forward by several linguists. Hyams (1983) was one of the first who observed that children shows up first a null subject parameter,

*Sobre as autoras ver página 132.

changing it later for the non-drop pattern, in the case of the English language acquisition. The main objective of the present study, based on the data examined, is to spread the news about the existence of a parameter in a default status for negation in Brazilian Portuguese.

KEYWORDS

Generative theory. Principles and Parameters. Grammar. Default.

1 Introdução

Desde o surgimento da Teoria de Princípios e Parâmetros (P&P), a concepção que se tem de parâmetros é a de que estejam sempre relacionados aos princípios, sendo considerados como uma propriedade derivada dos mesmos. Quando se considerava o sintagma e a hierarquização de seus elementos, associando a ordem entre núcleo e complemento, assumia-se que haveria variação na ordem dos elementos, podendo haver línguas de núcleo inicial e línguas de núcleo final, surgindo assim o parâmetro da ordem dos elementos frasais.

O que se assume no modelo de P&P é que a tarefa da criança no processo de aquisição é, basicamente, a de fixar os valores dos parâmetros abertos que estão na Gramática Universal (GU). A criança, exposta a uma língua, deverá atribuir um determinado valor a um parâmetro, proposto como binário, com as possibilidades de marcação para (+) ou para (-) para uma determinada propriedade em uma língua.

A idéia inicial era de que havia uma disposição neutra para os dois valores (+) e (-), conforme Chomsky (1981, 1986). Nesse caso a criança, com base em sua experiência lingüística, e de forma automática, marcaria os parâmetros em uma posição, partindo, portanto, de uma posição neutra.

2 Parâmetro em default

Hyams (1983) foi uma das primeiras a apresentar a proposta do

default, caso em que a criança já teria em sua GU o parâmetro fixado em um dos dois valores. Para o parâmetro do sujeito nulo, Hyams defendia que a criança partia do sujeito nulo do italiano, para, depois de perceber os detonadores (**triggers**) **it** e **there** do **input** da língua inglesa, marcar o parâmetro do sujeito preenchido do inglês. Essa proposta é modificada em 1992, quando a autora assume que as crianças iniciariam a fala com o parâmetro **topic drop** do chinês.

Dessa forma surgiu na teoria a idéia da existência do **default**, em que a criança já traria, em sua GU, o parâmetro fixado em um dos dois valores, mesmo antes de ter sido exposta aos dados de sua L1. Se a língua alvo tivesse o valor diferente daquele do **default**, o parâmetro precisaria ser marcado em outra opção, correspondente à da língua alvo. Nessa nova proposta a GU é vista como um estado inicial para a aquisição da linguagem, também referida como S_0 . A GU contém os Princípios invariáveis e os Parâmetros, que deverão estar, ou na posição neutra ou na posição **default**, e que respondem pela variação entre as línguas.

A proposta de Lebeaux (1988) assume que os dois valores estão disponíveis inicialmente para a criança.

Um outro posicionamento, proposto por Roeper (1999), propõe que existam as duas possibilidades, levando a um bilingüismo na aquisição de L1, quando as duas opções podem aparecer na fala da criança. Roeper (1999) afirma, apoiando-se em dados empíricos, que somos todos bilíngües quando crianças. O **Theoretical Bilingualism** (TB), proposto por ele, é definido em termos minimalistas tal como na sintaxe apresentada por Chomsky (1995).

Tomando como ponto de partida exemplos da aquisição da língua inglesa, como '**I want**' e '**me want**', o autor mostra que as duas formas resultam porque a marcação de Agr é opcional na gramática da criança: '**I want**' ou '**he wants**' revela Agr e '**me want**', não. A criança passa a ser monolíngue ao fazer Agr obrigatório. É uma perspectiva de micro-gramáticas. A alternativa oferecida por Roeper é a proposta da existência de um bilingüismo em que se postula que:

(1) a criança tem duas gramáticas, uma com Agr e outra sem Agr.

G1: TP = +/- Tense, +/- Agr

G2: TP = +/- Tense

Lembrando que Chomsky (1995) mostra que Agr é um traço de TP, Roeper menciona que essa afirmação torna o cenário mais plausível para sua teoria, que explica que a criança pode não ter um traço formal, Agr, mas tem o nóculo TP. No caso da existência de duas gramáticas, uma deve representar a gramática **default**, denominada pelo autor de **Minimal Default Grammar** (MDG), que funcionaria com economia ótima. Quando o valor **default** do parâmetro é diferente do valor definido pela L1 a diferença é notada, como é o caso observado da negação no PB nos estágios iniciais da aquisição. Roeper (1999) defende que quando a gramática de L1 é diferente da MDG o **default** não é apagado, permanecendo em tipo de memória (**buffer**), podendo ser reativado em casos como os de reconhecimento de fala de criança ou em casos de aquisição de uma L2, como apontado por Fonseca (2005).

3 Metodologia

Utiliza-se no presente trabalho o seguinte *corpora*: transcrições da fala de crianças brasileiras do sudeste do Brasil gravadas em 1976 (CEDAE/IEL/Unicamp; de Florianópolis, gravadas em 1974 (disponível no banco de dados CHILDES; transcrições da fala de Ana, criança brasileira da região de Campinas/SP¹.

Os estudos de Fonseca (1999, 2005) sobre a aquisição da negação no Português Brasileiro (PB) permitiram apontar a existência de uma forma **default** para a negação no PB com a seguinte fórmula [V Neg], ou seja, frases com negação pós-verbal. A negação pré-verbal [Neg V] está relacionada à questão do operador da negação ser um clítico. Sabemos que no caso do português existe a concordância

¹ *Corpus* cedido por Telma Vianna Magalhães, a quem agradecemos.

negativa, que envolve, de forma semelhante à apontada por Roeper, um traço de concordância (CN) relacionada ao parâmetro da negação no PB, caso que será examinado na última parte do presente artigo.

4 Características do *default*

A posição *default* caracteriza-se por traços fracos e pela ausência de movimento na sintaxe de superfície. Kato (em comunicação pessoal), aponta que o **default** para pronomes acontece no caso acusativo no inglês, ex. **It's me, it's him, it's them**; no francês o **default** aparece no dativo, ex. **C'est moi, c'est nous**, sempre livres de concordância. Ex. do inglês são **'me want'**; do português: **'nenê quer'**, também sem concordância.

A estrutura [V não], por ter sido encontrada na aquisição do PB por crianças oriundas de Campinas/SP e de Florianópolis/SC, cujo **input** não dispunha da estrutura encontrada, é considerada como o **default**. Assim, de forma semelhante ao apontado por Roeper (1999), encontramos duas formas de negação nos estágios iniciais da fala das crianças brasileiras, [Neg V], com o operador negativo em posição de núcleo e [V Neg], com o operador em posição de especificador de NegP. Portanto, considerando essas duas possibilidades, as crianças apresentam duas micro-gramáticas, [Neg V] e [V Neg], confirmam a tese de Roeper (1999) de que podemos ser considerados bilíngües, pela presença de micro-gramáticas nos primeiros estágios da aquisição da linguagem.

Fonseca (2005) aponta que, nas línguas naturais, a negação é considerada como marcada na representação estrutural da sentença; as sentenças negativas são distintas das afirmativas pela presença de certa morfologia e propriedades sintáticas. Quando as línguas são comparadas, encontramos quatro aspectos de variação relacionados à negação.

A seguir passamos a explicitar os tipos de negação existentes nas línguas.

4.1 *Ordem*

O primeiro refere-se à posição do marcador negativo, que pode aparecer:

a) em posição pré-verbal

Antes do verbo finito, como acontece em português e em espanhol.

(1) Os filmes **não** têm sido bons. (português, [+ neg pré-Aux])

(2) Juan **no** há llamado a su padre. (espanhol, [+ neg pré-Aux])

‘Juan não chamou seu pai’

b) em posição pós-verbal

Depois do verbo finito, como acontece em alemão e em inglês.

(3) Heiko ist **nicht** zur Schule geganger. (alemão, [+ neg pós-Aux])

Heiko é não para escola ir

‘Heiko não foi para a escola’

(4) She does **not** smoke. (inglês, [+ neg pós-Aux])

Ela V auxiliar não fumar

‘Ela não fuma’

4.2 *Concordância negativa*

O segundo aspecto relaciona-se ao fenômeno lingüístico denominado concordância negativa (CN) que se caracteriza pela presença de dois ou mais elementos negativos em uma mesma sentença, os quais são interpretados como uma negativa simples. Sabemos que há línguas que têm CN, como a portuguesa e a francesa. Vejamos os exemplos:

(5) Ele **não** disse **nada**. (português, + CN)

Há, porém, línguas que não admitem a concordância negativa, como o inglês-padrão e o alemão. Abaixo temos alguns exemplos:

(6) He saw **nothing**. (inglês, - CN)

Ele viu nada

‘Ele não viu nada’.

(7) Ich sah **niemand** dort. (alemão, - CN)

Eu vi ninguém lá.

‘Eu não vi ninguém lá’.

4.3 Negação descontínua

O terceiro aspecto é o da negação descontínua como o caso de **ne...pas** do francês.

c) (±) a negação descontínua do Francês, (**ne... pas**).

(8) Jean **ne** voit **pas** Marie. (francês, + neg descontínua)

‘Jean não vê Marie’

4.4 Negação externa

O quarto aspecto é o da negação externa como no caso do **não... não** do português brasileiro.

d) (±) a negação externa do PB, (**não...não**)

(09) Ele **não** foi ainda **não**. (português, - neg descontínua, + neg externa)

Resumindo, os aprendizes de PB como L1 ou L2 têm que aprender que o PB é uma língua:

(10) [+neg pré-verbal], [+ CN], [+ negação externa].

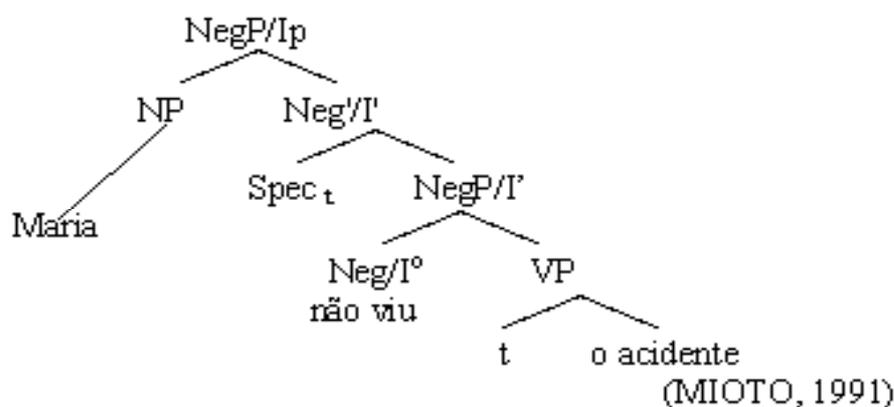
Um problema crucial para a aquisição das construções negativas relaciona-se ao fato de podermos analisar a negação como núcleo ou como especificador de NegP.

5 A Negação como Núcleo ou Spec de NegP

Se a negação se alojar no especificador de NegP, e o núcleo estiver vazio, não há movimento, posição adotada por Zeijlstra (2004), para a descrição das línguas naturais. Nossa concepção de **default** para a negação envolve a noção de não movimento, quando a negação ocupa o Spec de NegP.

Vejamos como a negação do português foi tratada por autores brasileiros.

Mioto (1991), abraçando a tese de Pollock (1989), defende que a negação do PB é composta por um **não** átono, clítico ao verbo, que sofre processo de incorporação de núcleos, formando um complexo indissolúvel com o verbo. A proposta de Mioto (1991)² que dá conta da negação no PB segue abaixo³:



² Na época a teoria permitia a possibilidade de haver núcleos híbridos, tendo sido essa a posição adotada por Mioto (GALVES, em comunicação pessoal, 2002).

³ Mioto (1991) propôs que posições nucleares que recebem outros núcleos tornam-se híbridas, facultando a duplicação de especificadores.

E que pode gerar as sentenças:

- (11) $[[_{\text{SpecIP/NegP}} \text{Maria}] [_{\text{NegP/IP}^\circ} \text{não viu}] [_{\text{ObjVP}} \text{acidente}]]$.
 (12) $[[_{\text{SpecIP/NegP}} \text{Maria}] [_{\text{NegP/IP}^\circ} \text{não viu}] [_{\text{ObjVP}} \text{nada}]]$
 (13) $[[_{\text{SpecIP/NegP}} \text{Ninguém}] [_{\text{NegP/IP}^\circ} \text{viu}] [_{\text{ObjVP}} \text{nada}]]$.
 (14) $(_{\text{SpecIP}} \text{Maria} (_{\text{SpecNegP}} (_{\text{Neg}} \text{não viu})))$
 (15) $(_{\text{SpecIP}} \text{Maria} (_{\text{SpecNegP}} \text{nunca} (\text{viu} [_{\text{ObjVP}} \text{o carro}])))$.

O complexo V°/Neg° tem o movimento para IP ou TP para checagem de tempo e pessoa, portanto há movimento. O movimento indica traços fortes. Nossa concepção de **default** envolve a noção de não movimento. A negação que aparece na posição pós-verbal indica ausência de movimento por conter traços fracos.

Importante lembrar aqui a noção de concordância (agreement) é vista como um processo ou o resultado de um processo pelo qual dois elementos partilham um número de traços. O compartilhamento de traços é possível se os dois elementos estão em uma relação estrutural específica, tipicamente a de um relacionamento de um especificador/núcleo. Na teoria a co-indexação é utilizada para mostrar a relação de concordância.

No PB, lembrando que o **não** é um clítico e se move com o verbo, o surgimento do movimento do verbo possibilita a concordância negativa, uma vez que o operador negativo **não** do português ocupa o núcleo de NegP e as palavras negativas ocupam o especificador dessa categoria. Tal como proposto por Pollock (1989), a movimentação do não clítico do PB depende do verbo, resultando na estrutura que tem o não pré-verbal.

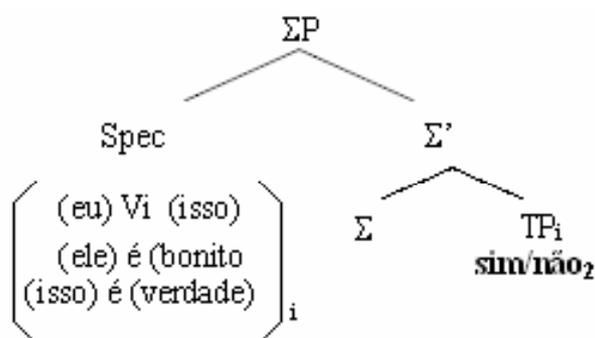
6 Negação externa no PB

Oliveira (1996) atribui a ΣP o lugar em que a negação externa aparece pré ou pós sentencialmente, analisando tipos de sentenças, em (16), como resultantes de um movimento de IP para Spec de ΣP , projeção acima de IP, onde se encontram as partículas polares **sim/não**.

- (16) a) Não, eu não vi.
 b) Sim, eu vi.
 c) Eu não vi, não.
 d) Eu vi, sim.

Observemos sua representação, a seguir, em que TP se move para Spec de ΣP .

(17)



(OLIVEIRA, 1996:148)

Seguindo a proposta de Oliveira (1996), para quem a partícula **sim/não** do PB é um elemento nuclear em ΣP , admitindo-se que há um movimento da categoria TP para ΣP , em que se encontram as partículas **sim/não** na análise de Laka (1990), podemos notar que a negação externa no PB, é reflexo de fenômenos totalmente diversos daqueles que ocasionam a negação descontínua no Francês.

- (18) Jean **ne** mange **pas** de chocolat.
 Jean não come não chocolate
 'Jean **não** come chocolate **não**'

7 Apagamento do não pré-verbal no PB

Trabalhando com a teoria da checagem (CHOMSKY, 1995),

Vitral (1999), para dar conta do fenômeno do apagamento da negação e dos marcadores negativos pré-verbais, relaciona o ciclo da negação, apontado por Jespersen⁴, com a noção de gramaticalização. Para tanto, o autor procura mostrar que certas palavras, que seriam usadas para reforçar a negação, pela evolução histórica, passaram a exprimir a negação. Como exemplo do fenômeno citado o autor menciona o caso da palavra **nada**, que teve origem na locução do Latim **rem natam** (coisa que exista); mostrando que, no português antigo, somente a forma **rem** se manteve, ao passo que, no francês, **rien** foi mantida.

Pela diacronia, Vitral apresenta um estudo da evolução da palavra ‘ce’ que, na literatura, reconhecidamente evoluiu de um pronome de tratamento **Vossa Mercê**, e no presente, é um pronome pessoal. Em termos da Gramática Gerativa trata-se um item lexical que se tornou, pela sua evolução, um item funcional. O autor, propõe a seguinte representação para as etapas que envolvem a gramaticalização do pronome ‘ce’, que teve como ponto de partida a expressão **Vossa Mercê**, já mencionado:

(19) a. item lexical > b. item gramatical > c. clítico > d. afixo

Esse seria um eixo que as palavras seguem durante o processo de gramaticalização, podendo-se, mesmo, prever o apagamento de alguns itens.

Seguindo essa linha de pensamento o autor procura mostrar que a forma **não** pré-verbal do PB já se encontra no estágio (b), enquanto o **num** já estaria adiante no eixo, observando que, em alguns dialetos do PB já se admite o apagamento do **não** pré-verbal.

(20) - Você viu o José?
- Vi não⁵.

⁴ **Ciclo da negação** (JESPERSEN, 1917) Partindo da constatação de que a grande maioria das línguas estudadas apresentavam a negação pré-verbal, a explicação que Jespersen (1917) apresenta para a existência do reforço da negação respalda-se em razões da fonologia. A negação pré-verbal teria uma tendência de se reduzir, uma vez que, no início de um enunciado, as três primeiras sílabas são pouco audíveis. Como consequência desse quadro, surge, segundo Jespersen, a necessidade de se acrescentar mais uma partícula final para assegurar que a sentença seja, de fato, interpretada como negativa. A partícula usada para reforçar a negação passa a ser, com o uso e passar do tempo, um operador de negação, forçando o apagamento da primeira partícula. Pela repetição desses movimentos, forma-se o que ficou conhecido como “ciclo da negação” de Jespersen.

⁵ Em um estudo sobre a negação no português, Furtado da Cunha (2001) observa que esse tipo de negação é usado em resposta a perguntas diretas.

O PB baiano permite o apagamento da negação pré-verbal quando há a presença de um elemento negativo pós-verbal, tal como o observado em (20).

Para explicar o duplo preenchimento que ocorre nos dialetos do PB que admitem **ninguém num**⁶, Vitral (1999) recorre à idéia de que, nesses casos, um dos dois itens não possui o traço negativo inerente capaz de checar o traço [+Neg]. A justificativa vem da idéia de que os itens perdem valor negativo historicamente. Nos dialetos do PB que admitem **ninguém num**, o autor aventa a possibilidade de que **num** não seja capaz de checar esse traço, comportando-se, assim, como um expletivo.

O que podemos observar é que, para Vitral, o item **num** perdeu força de seus traços negativos. Para Martins (1994) os itens **nenhum, nada, ninguém** ganharam força em seus traços negativos. Portanto, nesse ponto, as abordagens de Vitral para o item **num** e a de Martins, para as palavras **nenhum, nada, ninguém** se complementam quanto à interpretação de perda e ganho de força de itens negativos em posição pré-verbal⁷.

8 A negação default

Fonseca (1999, 2005), estudando a aquisição da negação no PB, encontra elementos que corroboram a tese de Roeper (1999) quanto à existência de um valor **default** para o parâmetro da negação. Os dados⁸ analisados revelaram a presença de uma negação em posição pós-verbal, com a fórmula [V Neg], que foi considerada como a forma **default** por não estar presente no **input** recebido e por indicar ausência de movimento do verbo. Alguns exemplos de [V Neg] encontrados seguem abaixo com a fala que antecedeu a negação na fala da criança:

⁶ Em Catalão, uma língua românica, há esse tipo de CN. (iii) Ninguú no há vist res.

Ninguém não tem visto nada.

‘Ninguém viu nada.’

⁷ Para um estudo mais detalhado sobre a negação remetemos o leitor para a tese de doutorado de Fonseca (2005).

⁸ As amostras da fala de crianças da região sul/sudeste do Brasil, região em que se admitia não existir a forma [V Neg] na fala dos adultos nos anos setenta. Hoje há quem defenda que [V Neg] faz parte da fala dos adultos da região sul e sudeste do Brasil, provavelmente introduzida por influência da mídia.

(21)

Entrevistador: Vamos tomar banho?

Criança: Quelo (quero) não (Raquel, 1 a 9me 20 d, Campinas/SP, 1976)

(22)

Entrevistador: Você toma vinho? ... E leite?

Criança: É não. (Paulo, 1 a 10me, Florianópolis, 1974)

(23)

Entrevistador: Grudou em você?

Criança: Grudou não. (Ana, 2 anos, 4 meses, Campinas, 2000)

(24)

Entrevistadora: Não vai fazer mais nada?

Criança: Quer não⁹. (Ana, 2 anos, 5 meses, Campinas, 2000)

Uma observação pode ser feita sobre a aparente flexão nos exemplos (20, 22), para muitos autores pode tratar-se apenas de uma repetição de formas utilizadas por adultos, não representando, de fato, formas flexionadas produtivas da criança.

Meisel (1996) analisa a aquisição da negação no basco, por crianças, durante as fases iniciais, quando a distinção de finitude ainda não se faz presente e os auxiliares são omitidos, apontando que durante esse período a forma **ez**, para a negação, é colocada na posição inicial, podendo também aparecer no final da estrutura, depois do verbo.

(25) Itzi jan **ez**.

Itiziar eat Neg

Itiziar come não

‘Itiziar não come’ (MEISEL, 1996, p. 238)

Confome Meisel (1996, p. 236), “In most studies, the children placed Neg utterance-initially. There are a few cases, however, where

⁹ Podemos observar que entre os exemplos há somente um exemplo com o verbo não flexionado, como esperado pela característica do **default**, mas sabemos que as formas flexionadas podem não ser produtivas.

Neg was in final position.”¹⁰

Ao tratar da discussão sobre a existência de Neg com núcleo final, o autor argumenta que nas análises que admitem haver Neg final, se tiver traços de concordância haverá o movimento, mas que a negação final só aparece depois de verbos não flexionados, o que está de acordo com Kato (2002, c.p.).

De forma análoga às observações, encontrei referências ao tipo de negação pós-verbal em diversos trabalhos, consideradas muitas vezes como erros por vários autores, mas que para mim indicam ser a forma **default** presente na fala de crianças. Como exemplo podemos citar a seguinte passagem no trabalho de Joseph e Pine (2002) sobre a negação em francês, em que encontramos a seguinte passagem: Alguns dos erros cometidos foram: *prendre pas les pieds, ‘não me pegue pelos pés’ (pág. 77). Em alemão, encontramos no trabalho de Viviane Deprez e Amy Pierce (1993, p. 50) os seguintes exemplos de negação pós-verbal:

(26) De-de-des geht nich.
Isto funciona não,
‘isto não funciona’
(Ivar, 28 meses; in MEISEL & MÜLLER, 1990, **apud** DEPREZ V.; PIERCE, 1993);

(27) Geht nicht.
funciona não,
‘não funciona’
(Meike, 21 meses, in: MÜLLER, 1979, **apud** DEPREZ V.; PIERCE, 1993))

No trabalho de Wode (1981, p.148), encontramos os seguintes exemplos de negação pós-verbal:

(28) I need not a(n) egg. (Lars, 4;12/2639)

(29) ... because you got not a lego car. (Lars, 5; 3/354)
porque você tem não um lego carro

¹¹ Na maioria dos estudos, as crianças colocaram a negação inicialmente na frase. Há poucos casos, entretanto, em que Neg estava em posição final (p. 236). Tradução nossa.

‘porque você não tem um carro lego’

Entendemos que esses exemplos de negação pós-verbal são exemplos de negação **default**, que por se apresentarem em números reduzidos, geralmente são desprezados pelas pesquisas. Em Joseph e Pine (2002, p. 77) encontramos o comentário dos autores de que a taxa de 0,6%, taxa de erros normalmente desprezada, pode esconder diferenças importantes entre a tendência da criança em cometer erros na colocação das formas finitas mais comuns e a tendência da criança de cometer erros na colocação das formas finitas menos comuns. De forma semelhante ao observado por Joseph e Pine, a negação pós-verbal em português também apresenta uma taxa reduzida, sendo também desprezada pelos estudiosos. Entendo que são essas formas consideradas como erros a forma **default** que pouco aparece.

No PB a presença da negação em posição pré-verbal se alterna, como podemos ver nos exemplos abaixo, com a negação **default** pós-verbal, dos exemplos acima, mostrando que as crianças apresentam duas micro-gramáticas nas fases iniciais, tal como apontado por Roeper (1999).

- (30) Num podi?
(Raquel, 1 a 11me 03 d, Campinas, 1976)
- (31) Não é.
(Raquel, 2 a5d, Campinas, 1976)
- (32) Num vai embola, mãe.
(Luciano, 1 a 11 me, Campinas, 1976)
- (33) Num podi apagar.
(Luciano, 1 a 11 me, Campinas, 1976)
- (34) Num sabi(e).
(Tiago, 2 a 5me 8d, Campinas, 1976)
- (35) Num tem.
(Ana Maria, 2 a, 2me 20 d, Campinas, 1976)

9 Minimalismo

A evolução da gramática gerativa dentro do Modelo de PP para o Programa Minimalista não foi abrupta, mas uma mudança gradual de perspectiva. As idéias de Chomsky (1995), que propõe um modelo de gramática reduzido ao seu mínimo essencial, um modelo que tenta eliminar redundâncias e motiva elementos e funções de seu sistema computacional por razões de economia das derivações e que incorpora avanços teóricos tais como um inventário mais explícito de categorias funcionais, propondo uma gramática com o mínimo: um léxico, os componentes de interpretação PF e LF, e duas operações Mover (**Move**) e concatenar (**Merge**), sendo princípios linguísticos invariáveis que determinam as derivações possíveis, e que a variação entre as línguas é limitada a partes do léxico, a certas propriedades dos itens lexicais, como a força dos traços das categorias funcionais

8.1 A Concordância Negativa (CN)

Uma análise da negação e da concordância negativa¹¹ no PB, com base na teoria da checagem, é proposta por Vitral (1999), que sugere que o item **não** é inserido por meio da operação concatenar (**merge**) para a checagem do traço [+Neg], interpretável. O traço [+Neg] pode ser checado por um item, não ser apagado e permanecer visível para a checagem de outro item. Os itens negativos como **nada**, **ninguém**, que tem posição A, quando surgem como objeto ou como argumento, estão no especificador de VP, e os itens **nunca** e **jamais** estão em adjunção a VP. A posição de Vitral é diferente da assumida por Miotto (1998), para quem [+Neg] é gerado sob a categoria mais alta do sistema I, em AgrsP. O fato de os IPNs necessitarem de um licenciador, aponta Vitral, pode significar que esses itens não sejam, de fato, negativos, mas se tornam

¹² De acordo com Chomsky (1995) um item lexical possui traços formais interpretáveis e não interpretáveis. Entre os traços interpretáveis encontram-se os traços da negação, [+Neg]. Na computação para LF, os traços formais não interpretáveis precisam ser checados e eliminados para que a derivação convirja. Os traços interpretáveis não precisam ser checados porque eles são lidos por LF.

negativos quando c-comandados por uma partícula negativa, como o **not** no inglês, por exemplo.

Por outro lado, os quantificadores negativos não necessitam ser precedidos pela partícula negativa nem podem preceder esta partícula:

- (36) Nobody came.
'Ninguém veio.'

Para a análise de exemplos como o de (36) acima, a categoria funcional NegP deveria conter um núcleo **não** não realizado fonologicamente, para haver o licenciamento apropriado. Vimos que Mito (1991), Haegeman (1995) e Zeligstra (2002) propõem a existência de um operador abstrato para dar conta desse tipo de sentença.

Vitral analisa as possibilidades para explicar esse caso. A primeira delas seria negar a existência da categoria NegP, a segunda seria uma proposta com NegP, com um núcleo que pode ser nulo, e a terceira seria a existência de uma categoria Neg sem especificador.

O autor analisa a negação face à Teoria da Checagem, iniciando pela idéia de que o escopo da negação pode ser determinado através de uma configuração especificador-núcleo, envolvendo uma concordância de traços formais negativos. Considera, então, que as construções negativas dispõem de uma categoria funcional negativa definida pelo traço [+Neg]. Para Vitral, a estrutura da negação seria a seguinte:

- (37) [_{TP} [_{T'} T [_{NegP} [_{Neg'} Neg [_{VP} DP V DP]]]]]
(Vitral, 1999)

A presença da partícula **não** ou de um item negativo é caracterizada por um traço formal [+Neg], que faz surgir uma categoria também definida pelo traço [+Neg], que tem a natureza forte, ou seja, que exige a checagem antes do 'spell-out'. A partícula **não** é inserida por meio da operação juntar (merge) em Neg, de forma a checar o traço [+Neg]. Os itens negativos tais como **nada** ou **ninguém**, que se alocam na posição

objeto, ou funcionando como argumento externo, na posição de Spec de VP, e **nunca** e **jamais**, que aparecem numa posição adverbial adjunta ao VP, se deslocam através da operação mover (**move**) e podem ocupar a posição de especificador de NegP ou transitar por esta posição. As duas operações permitem a checagem do traço [+Neg]. Quando o deslocamento dos itens negativos tem lugar na sintaxe visível, a inserção da partícula negativa **não** não é necessária e sentenças do tipo (41) são geradas:

(38)

- a) José nada encontrou na estante
- b) Ninguém conseguirá passar no vestibular.

Quando a operação Juntar (**merge**) insere a partícula **não**, o deslocamento dos itens negativos não precisa ser feito, de forma que são derivadas frases como:

(39)

- a) Maria não encontrou nada na estante.
- b) José não ganhará nunca na sena.

Vitral propõe que a categoria Neg seja interpretável e permaneça disponível para o sistema computacional e visível no nível de FL mesmo após ter sido checado. Comparando as frases negativas do português às frases interrogativas do inglês como em Chomsky (1995), Vitral propõe que o traço [+Neg] dos itens negativos também seja interpretável e dispensado de checagem. Nesse caso, os itens negativos se movimentam para o domínio de checagem de Neg apenas se esta opção for selecionada para eliminar o traço forte de Neg. Em frases como a de (41b) acima, o autor indica que o item **ninguém** transita pela posição de especificador de NegP antes de se alocar na posição de especificador de TP, na qual o traço D de T é checado. Os itens negativos podem, também, recebendo foco, aparecer numa posição no início da frase, após terem participado da checagem do traço [+Neg]:

(40) Nunca, o Mané conseguirá ganhar na loto.

O autor conclui que, no PB, o movimento do verbo para T não se faz na sintaxe visível.

No caso das línguas que apresentam a negação pós-verbal, Vitral justifica e adota a posição de que o **pas** do Francês e o **ekki** e **inte** de línguas escandinavas, através da operação juntar, encontram-se adjuntos ao VP, antes do **spell-out**, e se movimentam para o domínio de checagem de Neg na sintaxe encoberta, de forma a checar o traço [+Neg], que nessas línguas é do tipo Fraco.

Apresentamos, a seguir, um resumo para o PB:

- A) neg pré-verbal é um clítico pré-verbal, núcleo de NegP.
(MIOTO, 1991)
- B) Neg pós-verbal é um neg externo à sentença, com a sentença movida para o Spec de Σ P.
(OLIVEIRA, 1996)
- C) Neg pré-verbal está em processo de gramaticalização mais avançado no PB baiano podendo desaparecer em alguns contextos, [Cl > afixo > \emptyset]
(VITRAL, 1999)

Como vimos, a negação é analisada diferentemente por diferentes autores. A explicação do fenômeno da concordância negativa, já descrita no presente trabalho, de forma semelhante, encontra diversas interpretações no diversos autores.

8.2 Fases para aquisição da CN

Para a aquisição da concordância negativa (CN), Fonseca (2005) observa que houve fases: primeiramente as crianças utilizaram a negação simples, pré ou pós-verbal, já explicitadas no presente trabalho, depois utilizaram as palavras negativas do tipo nada, ninguém e nenhum isoladamente. Vejamos alguns exemplos:

- (41) Nada.
(Ana Maria, 2 a 8me 29 d, Campinas, 1976)

(42) Ninguém.

(Ana Maria, 3 a, 01 me, Campinas, 1977)

O que foi observado na aquisição de língua portuguesa acontece com crianças que adquirem a língua inglesa. Exemplos de negação pré-verbal, pós-verbal, palavras negativas isoladas. Vejamos alguns exemplos em Wode (1981).

Os indefinidos negativos como **nothing, nobody, no one, never, nowhere, no one, nowhere** ocorrem isoladamente.

(43)

David pergunta a Lars o que ele vai fazer hoje, a resposta é:

Lars: Nothing. (WODE, 1981, p. 157)

Para em seguida surgir a concordância, que no caso da língua inglesa, embora ocorra, é considerado um erro.

(44) * I cannot nothing see.

I cannot see anything.

*eu não posso ver algo.

‘Eu não posso ver nada’ (WODE, 1981, p. 107)

A observação que podemos fazer sobre a leitura da sentença em 44 é que para os falantes de português é possível uma interpretação de concordância negativa para a sentença, enquanto para os falantes de inglês, que não admite a concordância negativa, essa leitura seria impossível. Outro detalhe a observar é que, a julgar pelos exemplos, a criança que adquire inglês adquire a CN, para depois passar para a leitura de Double Negation, com o cancelamento de uma das negações.

No português, quando as palavras negativas são posicionadas após o verbo a concordância negativa (CN) acontece. Quando a CN surge, as crianças deixam de ter o **default**, apresentando as negativas do PB com a fórmula [Neg V, + CN]. Tornam-se mono-

línguas, conforme apontado por Roeper em sua teoria. E, nesse caso, mostrando que há uma relação entre o aparecimento da concordância negativa com o desaparecimento do **default**. Exemplos de CN seguem abaixo:

(43) Não é nada.
(Raquel, 2 a 06 me 19 d, Campinas, 1976)

(44) Num tem nada.
(Raquel, 2 a 5me 05 d, Campinas, 1976)

Pode-se, ainda, acrescentar que, de acordo com Fonseca (2005), do ponto de vista das estruturas, se as línguas de CN têm as palavras negativas no Spec/NegP, deduz-se que línguas que têm o Spec/NegP ocupado pelo operador negativo não podem ter CN porque as palavras negativas não podem ser ali inseridas para a relação de concordância.

Como observei, tem-se em primeiro lugar a negação simples e em seguida as palavras negativas isoladas, quando essas palavras negativas aparecem em posição pós-verbal a CN acontece, como vimos nos exemplos 43 e 44 acima.

Finalizando, a forma **default** para a negação no PB foi atestada como demonstram os exemplos listados. Tal como apontado por Roeper (1999) o surgimento de Agr (concordância) limita a possibilidade de duas micro-gramáticas para apenas uma. No caso aqui estudado, o surgimento da concordância negativa faz com que a gramática **default** não seja mais utilizada pela criança, indicando que a CN funciona como detonador para o estabelecimento definitivo da negação pré-verbal no PB. Com a relação de concordância estabelecida, ou seja, com o núcleo de NegP preenchido e as palavras negativas ocupando o Spec de NegP, cessa a possibilidade de haver a negação pós-verbal, ou seja, cessa a possibilidade do operador da negação ocupar o Spec de NegP para expressar a negação pós-verbal em português¹².

¹³ Uma observação deve ser feita sobre o PB falado na Bahia, que faz uso da negação pré verbal, pós verbal e da CN em contextos excludentes e diferenciados, mas o estudo desse assunto fica para uma próxima oportunidade.

REFERÊNCIAS

- CHOMSKY, N. **Barriers**. Massachusetts: MIT Press, 1986.
- _____. **A Minimalist Program**. Massachusetts: MIT Press, 1995.
- _____. **Lectures on Government and Binding**, Dordrecht: Foris, 1981.
- FURTADO DA CUNHA, M. A. O modelo das motivações competidoras no domínio funcional da negação. **D.E.L.T.A.**, São Paulo, v. 17, n. 1, p. 1-30, 2001.
- DEPREZ V.; PIERCE A. Negation and functional projection in early grammar. **Linguistic Inquiry**, Massachusetts. v. 24, n.1, p. 25-67, 1993.
- FONSECA, H. D. Cabral da. **Aquisição da sintaxe da negação no Português Brasileiro como segunda língua (L2)**. 120p. Tese [Doutorado em Linguística], Instituto de Estudos da Linguagem da Universidade Estadual de Campinas, 2005.
- _____. **Aquisição da Concordância Negativa (CN) no Português Brasileiro (PB) como segunda língua (L2)**. 105p. Dissertação [Mestrado em Linguística]. Instituto de Estudos da Linguagem da Universidade Estadual de Campinas, 1999.
- HAEGEMAN, L. **The syntax of negation**. Cambridge, Great Britain: CUP, 1995.
- HYAMS, N. The null subject parameter in language acquisition. In: O. JAEGGLI ; SAFIR (eds), **The Null Subject Parameter**. Dordrecht: Kluwer, 1983. p. 315-238.
- JESPERSEN, O. **Negation in English and other languages, selected writings of Otto Jespersen**. London: G. Allen & Unwin, 1917.
- JOSEPH K. L.; PINE, J. M. Does erro-free use of French negation constitute evidence for very early parameter setting? **Journal of Child Language**. Cambridge, v. 29, p. 71-86. 2002.

LEBEAUX, D. **Language acquisition and the form of the grammar.** Tese [Doutorado] – University of Massachusetts, Amherst. 1988.

MARTINS, A. M. **Polarity items in Romance. Underspecification and lexical change,** (ms), 1994.

MEISEL, J. M.; EZEIZABARREBA, M. J. Subject-verb and object-verb agreement in early Basque. In: CLASHEN, H (ed.). **Generative approaches to first and second language acquisition.** Amsterdam: John Benjamins, 1996, p. 201-239.

MEISEL, J.; MÜLLER, N. On the Position of Finiteness in Early Child Grammar. Evidence from Simultaneous Acquisition of two First Languages: French and German. In: **15th Boston university, Conference on language development,** 1990.

MIOTO, C. **Negação Sentencial no Português Brasileiro e Teoria da Gramática.** Tese [Doutorado em Lingüística]. Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 1991.

_____. Tipos de negação. **Cadernos de Estudos Lingüísticos.** Campinas, v. 34, p. 103-117, 1998.

OLIVEIRA, M. **Respostas assertivas e sua variação nas línguas românicas: seu papel na aquisição.** Tese [Doutorado em Lingüística]. Instituto de Estudos da Linguagem da Universidade Estadual de Camoinas, 1996

POLLOCK, J.-Y. Verb movement, UG and the structure of IP. **Linguistic Inquiry,** Massachusetts. v. 20, n. 3, p. 365-424, 1989.

ROEPER, T. On Universal Bilingualism. **Bilingualism: Language and Cognition,** Cambridge. v. 2, n. 3, p. 169-186, 1999.

VITRAL, L. A negação: teoria de checagem e mudança lingüística. **D.E.L.T.A.,** São Paulo, v. 15, n. 1, p. 57-84, 1999.

WODE, H. **Learning and second language: An integrated view of language acquisition.** Tübingen: Gunter Narr Verlag. 1981.

ZEIJLSTRA, H. Two ways of expressing negation. **Proceedings of ConSOLE**, v. 12, p. 245-259, 2004.

Recebido em 18/10/2008.
Aprovador em 06/02/2009.

SOBRE A AUTORA

Hely Dutra Cabral da Fonseca é Doutora em Lingüística pela Unicamp. É professora da graduação da Universidade Estadual de Feira de Santana, BA. É líder do Grupo de Pesquisa *Aquisição do Português como segunda língua (L2) – UEFS* e membro dos grupos de pesquisa *Constituição, variação e mudança do/no português UEFS* e Grupo de Pesquisa em Estudos da Língua(gem) – UESB. Pesquisa fenômenos sintáticos do português e do inglês dentro da linha de trabalho gerativista.
E-mail: cabral@uefs.br